

# ELO

## Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade, Administração e Redacção  
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS  
Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — Lisboa  
Director Interino: António G. Calvino

Composição e impressão:  
TIP. ESCOLA DA A. D. F. A.  
Rua de Artilharia Um — LISBOA

### EDITORIAL

Os traidores, os inimigos do Povo, dispararam sobre as liberdades conquistadas. A resistência sabotadora que vinham a oferecer aos avanços populares culminou em 11 de Março com o criminoso e fratricida ataque ao RAL 1. E se acaso ainda nos restavam dúvidas quanto às intenções daqueles que insistem em continuar a desempenhar o histórico papel de carrascos do Povo, elas dissiparam-se agora totalmente. Soubemos agora do que são capazes os nossos opressores.

Os caminhos da revolução são de facto difíceis, mas trilhá-los-emos agora ainda com mais determinação. Agora, que temos mais consciência das nossas tarefas, vamos localizar os nossos inimigos e derrotá-los; vamos procurar aqueles que estão ainda presos nas suas garras e libertá-los; vamos junto dos que ainda não compreenderam e educá-los; vamos acorrer a toda a parte e a todos, vamos unir-nos cada vez mais, até sermos todo o Povo Português a enfrentar o inimigo comum e esmagá-lo definitivamente.

É urgente a mobilização geral, uma mobilização clara e esclarecida.

Vamos todos transmitir aos outros o que sentimos e sabemos; vamos aniquilar o obscurantismo e a servidão; vamos fazer do Povo Português um povo esclarecido e consciente; vamos fazer uma autêntica revolução cultural; vamos fazer de Portugal uma grande sala de aula onde todos possamos ser professores e alunos ao mesmo tempo. E todos, muito aplicados, vamos meditar bem nas lições e aprendê-las. Vamos meditar no 11 de Março e aprender a lição.

Mas vamos! Basta de hesitações, a vitória já é nossa.

# 11 DE MARÇO

## CRAVOS VERMELHOS REGADOS COM SANGUE NO DESESPERO DA REACÇÃO

As armas da reacção são armas de morte.

A reacção é uma fera que não conhece nem sentimentos humanos nem cravos vermelhos.

A reacção conhece o boato, o boicote económico, balas, bombas e granadas.

O boato e o boicote económico foram armas que sempre tem utilizado desde o 25 de Abril.

As outras, as armas que pelo sangue sacrificam o Povo, essas utiliza-as em situações desesperadas.

identificação dos verdadeiros inimigos do Povo; há uma mútua e contínua consciencialização política do momento que o País atravessa entre comandantes e comandados. E os comandados estão preparados para em caso de faltar o comandante outro companheiro tomar o seu lugar. E por tudo isso a SPINOLADA não passou.

A resposta ao criminoso golpe foi surpreendente: homens do Povo pegando na arma que tinham (a pequena G-3 ou a mini FBP) fizeram surpreendentemente frente à

besta fascista que traíçoera e cobardemente utilizava armamento moderno e preciso. Nem a tropa mais elitizada ou Spinolada responderia com tão afínco e temerariamente ao nojento contra-golpe fascista.

É que o soldado do RAL 1 tem consciência do Povo que é, e sabe que se alguma ameaça paira sobre Ele, ela paira também sobre, seus pais, filhos, esposas, noivas, parentes, amigos e portugueses que como ele são povo oprimido pelo fascismo.

Ele, soldado do RAL 1, é um ser pensante que analisa e age sempre e só em defesa do Povo que representa.

Estamos perante uma realidade que nos conforta. O Exército vai perdendo o controle dos Durões e dos Spínolas. Deixa de ser o tal exército Burguês ao serviço dos interesses dos galifões e passa a ser um exército Popular ao serviço dos verdadeiros interesses do Povo trabalhador. Ficou provado que a disciplina revolucionária é bem mais válida e positiva na defesa dum processo revolucionário do que a disciplina Prussiana, nazi ou Spinoquista.

A metralha e as canhoadas disparadas por aviões e helicópteros

Continua na página 2



Um dos aspectos da evacuação dos feridos

Na manhã do 11 de Março, quando faltavam poucos minutos para o meio dia, hora a que normalmente os soldados do RAL 1 deveriam estar formados para o almoço, a canalhada reaccionária investiu qual tiro ferido no seu orgulho de besta!

Investiu metralhando sem contemplações soldados desprevenidos bombardeando com helio-canhão os filhos do povo trabalhador que, despreocupadamente se deslocavam na parada, descansavam, ou escreviam aos familiares distantes. A cambada reaccionária investiu contra aquela unidade que desde o 25 de Abril se colocara declaradamente do lado dos trabalhadores e onde todos os militares formam um corpo homogéneo símbolo da verdadeira e única disciplina possível num processo revolucionário: os comandantes do RAL 1 não são Deuses nem ditadores, são Homens empenhados em construir uma Sociedade justa e livre onde o Povo seja de facto quem mais ordene. No RAL 1 há um contínuo trabalho de

## A ADFA ACUSA

### Os Grandes Culpados

Transcrevemos algumas passagens dos jornais anteriores:

do ELO N.º 1

«... E morriam jovens na guerra e outros ficavam sem membros... do seu sangue brotaram Diamantes, Óleos, Cereais, Petróleo, Medalhas, etc.

Para quem? Para Melos, Champalimouds, Americanos, Belgas, Ce-rejeiras, Casais Ribeiros, Tomazes, Kaúlzas, Tenreiros, Spínolas e outros.»

do ELO N.º 2

«... Apesar de terem em 28 de Setembro ocupado as estações de Rádio por ordem de alguém que aprendeu muito com Hitler. Mas continuavam fortes e armados com carros

de combate, quem sabe se à espera de ordens de um canalha qualquer que, à laia de Pinochet... lhes ordene o contra-golpe...»

E o canalha apareceu!

E foi mesmo aquele que aprendera muito na Alemanha de Hitler. E alguns lacaios da G. N. R. imbuídos do mesmo espírito de carrascos do Povo seguiram as pegadas do sabujo mestre.

Os soldados são filhos do Povo, mesmo aqueles que são G. N. R., são homens que lutaram com problemas tremendos de sobrevivência, são homens sem esclarecimento político.

São homens que na sua maioria eram desvirtuados da qualidade (Continua na pág. 2)

# 11 DE MARÇO

(Continuação da pág. 1)

ceifou a vida ao camarada Luís, feriu vários outros, estilhaçou telhados, janelas, paredes, viaturas e árvores, mas, os militares do RAL 1 (Povo armado), não se esconderam, saíram de peito aberto sem trincheiras, nem anti-aéreas, e deram uma lição aos orquestradores do mais vil, cobarde e canalha dos ataques reaccionários até hoje desencadeados pelos saudosistas do regime deposto em Abril 25.

Mas também o Povo das Fábricas, das Oficinas, dos Escritórios, veio para a rua. E foi de suma importância o seu papel muito principalmente no trabalho de consciencialização das tropas Paraquedistas (filhos do Povo) e que haviam caído no logro dos Comandantes reaccionários. O Povo sem farda falou com o Povo fardado e o Povo fardado compreendeu que havia sido ludibriado. Esses homens da boina verde são também filhos do Povo trabalhador e depois de esclarecidos jamais levantariam a sua arma contra os seus irmãos, e foi histórico e lindo, por ser espontâneo, o seu gesto: conscientes da traição dos seus comandantes foram ao RAL 1 e aquele encontro que os sabujos defensores do Capital preconizavam um recontro de morte, foi uma das mais belas páginas para a história da Revolução iniciada em 25 de Abril. Abraços e lágrimas... abraços entre homens da mesma condição humana; abraços de identificação de um ideal comum. Lágrimas de alegria pela vitória de ambos sobre a reacção; lágrimas de esperança em melhores

dias em que o soldado terá que conhecer em consciência a missão a cumprir a qual terá forçosamente que se defender os interesses da classe trabalhadora e que será então cumprida de alma e coração.

De salientar ainda, no decorrer da intentona fascista, a estratégia posta em prática sob a orientação do Dinis de Almeida de colocar um cerco de protecção à unidade por forças populares e a ocupação das torres do Bairro da Quinta do Morgado medidas que garantiram neutralizar qualquer hipótese de ocupação da unidade. A nossa ADFA também lá esteve colaborando onde

foi necessário, dando o seu préstimo para travar o passo à reacção.

Mas a reacção ainda não desarmou por completo. Por isso apelamos para todos os camaradas: Vigilância Popular.

E continuamos atentos pois os vampiros que nos sugaram o sangue e os dos 11 mil camaradas que morreram nas guerras coloniais são os mesmos que, na manhã do dia 11 de Março, regaram de sangue os cravos do 25 de Abril.

E para ti reaccionário: se acaso o nosso Elo te chegar às mãos conta connosco como inimigo implacável.



Panorâmica da acção armada

## COMUNICADO DO R. A. L. 1

**A todos os soldados e marinheiros camponeses e operários, a todos os militares antifascistas e democratas, a todo o Povo.**

O criminoso atentado fascista desferido esta manhã sobre os soldados e todos os militares do RAL 1, vem demonstrar que não são os saneamentos nem as passagens à reserva que têm os oficiais fascistas e reaccionários a soldo dos capitalistas e imperialistas, de prepararem a contra-revolução, para esmagarem em sangue o movimento popular revolucionário.

Camaradas, o criminoso ataque fascista ao RAL 1, insere-se sobre a repressão que se tem abatido sobre a classe operária e o povo português, ataques esses que se traduzem pelo desemprego, pela fome e pela miséria a que nos que-

rem continuar a submeter os capitalistas e os seus lacaios.

Camaradas, enquanto os pides continuam a ser tratados meigamente (quando não andam à solta), enquanto os partidos fascistas continuam a existir legalmente, enquanto o povo é alvejado a tiro em Setúbal, enquanto os soldados e os militares lutam contra a repressão fascista nos quartéis são presos, enquanto os partidos burgueses falsos defensores do povo organizam carnavais, o povo continua debaixo da mais feroz exploração e opressão.

Mas camaradas, os soldados são filhos do povo. Os soldados e todos os militares antifascistas saberão sempre virar as armas contra a burguesia e contra os oficiais fascistas e reaccionários e pô-las ao

lado do povo.

Camaradas, os soldados e todos os militares do RAL 1 que até aqui têm lutado contra o fascismo e os seus encobridores, continuarão e agora com mais força essa luta contra os exploradores e opressores.

Para todos os fascistas e todos os seus encobridores exigimos o seu fuzilamento imediato, sejam militares ou não, generais ou não.

**Morte ao fascismo!**

**Justiça popular!**

**Imperialistas fora de Portugal!**

**Fuzilamento imediato de todos os fascistas!**

**Os soldados são filhos do povo!**

Os soldados e todos os militares do RAL 1 bombardeados hoje pelos fascistas. Encarnação, 11-3-75.

## REABILITAÇÃO

### Via para a Reintegração

(Continuação da pág. 6)

não aos técnicos que teimam ainda prosseguir nas linhas que foram orientadas para tal, não à escandalosa exploração de que sempre foi vítima o deficiente.

A problemática que diz respeito aos deficientes, insere-se num conjunto de factores de que estes foram vítimas. Os Centros de Reabilitação que existem no País, devem ser urgentemente reestruturados e complementados com tudo

aquilo que já no acto da sua abertura não lhes devia faltar. Para a admissão nestas oficinas, os deficientes não podem ser enviados para esses Centros pelos Serviços Centrais que nem sequer sabem qual o equipamento que existe dentro daqueles nem das dificuldades em que ali se vive e trabalha. A sua admissão deve ser decidida localmente em função das possibilidades existentes para cada caso.

Enquanto existirem anomalias deste género, ou pelo menos não forem abolidas na sua quase totalidade, os Centros devem manter a sua posição de exigências e fomentar tudo quanto possível a fim de que seja melhorada a vivência daqueles que só por terem nascido, são homens e como tal, têm de usufruir dos direitos que a todos nós são reconhecidos.

## A A. D. F. A.

### ACUSA

(Continuação da pág. 1)

de seres pensantes.

Eu próprio tenho a experiência encontrada ao longo de um duro processo das Campanhas de Dinamização Cultural: o Sr. Francisco e David, Cabo e Soldado da G.N.R., depois de um contacto directo com o fenómeno maravilhoso de pôr o povo a pensar e a solucionar os seus problemas, sem caciquismos, sem autoritarismos, estes dois homens viram como foram enganados ao longo dos anos e hoje são mais dois companheiros de luta, mas companheiros de palavra de honra que saberão ombrear ao lado do Povo na construção do nosso Portugal Livre.

Há criminosos, muito principalmente a nível de Comandos, por isso urge um saneamento profundo não só de pessoas que deverão ser julgadas e condenadas mas também de estruturas da organização.

no nosso ELO n.º 2, dizemos a certa altura:

... A Legião, tal como a Pide, por serem consideradas forças declaradas de repressão, foram extintas. A Liga dos Combatentes, por ser uma força camuflada, foi vivificada...»

... O GENERAL SPÍNOLA VIVIFICOU A FAMIGERADA LIGA DOS COMBATENTES.

Porque foi que o Sr. Spínola não apoiou a nossa Associação?

Porque foi que o Sr. Spínola não aceitou o nosso pedido de simples extinção da Liga dos Combatentes?

Porque foi que a Liga fez uma tourada dias antes do 28 de Setembro; onde o Sr. Spínola foi ovacionado pela sua maioria silenciosa?

Porque foi que dias antes do traigoiro 11 de Março a Liga dos Combatentes conseguiu a projecção de slides na T. V. em substituição daqueles que eram projectados pela nossa ADFA?

Porque é que um dos seus slides à maneira Spínolista diz que na Liga têm lugar todos os credos políticos?

Lembramos que o Fascismo também é um credo político e o Programa do M. F. A. é declaradamente ANTI-FASCISTA.

Será que a Liga pretende opor-se ao próprio M. F. A. que é hoje uma vanguarda do Povo oprimido?!

Porque foi que dias antes da intentona reaccionária de 11 de Março se falou em criação da Associação de ex-comandos, etc.?

Tanta pergunta por responder... Tanto jogo na manga do Sr. Spínola.

Julgamos que a Liga dos Combatentes, enquanto existir tal como existe, será uma constante ameaça à jovem e inexperiente Democracia Portuguesa e muito embora morra o Homem... o Patrono, o Deus, a semente má pode ficar a germinar em terreno fértil, donde poderão surgir novos contra-golpes contra o Povo Trabalhador.

Já afirmamos em Maio, voltamos a dizer bem alto: A LIGA DOS COMBATENTES esconde na sua capa saudosista perigos políticos tremendos para o avanço do processo revolucionário.

Não admitimos a coexistência com uma organização antagónica que em nada se define nem identifica com os problemas das classes trabalhadoras.

Se o indestrutível binómio Povo-MFA não tivesse esmagado a intentona-reaccionária qual seria o papel que teria desempenhado no 11 de Março a Liga do Sr. Spínolchet?

**N. R.** — Iniciamos neste número a transcrição de um condensado do livro «DESAFIO AO VENTO», cujo autor, cego, depõe vibrantemente o modo como tem enfrentado a vida no seu quotidiano.

Depoimento sensacional, em todo o seu contexto, nota-se bem que os maiores obstáculos para o autor não é a sua própria deficiência, mas sim a sociedade, que apesar de todas as suas provas e méritos demonstrados e de toda a reabilitação, essa sociedade lhe continua a negar a reintegração e a rotulá-lo de inútil e incapaz de desempenhar certas tarefas.

## CONDENSADO DO LIVRO DESAFIO AO VENTO

(HAROLD KRENTS)

Imagino como deve ser terrível saber que um filho nasceu cego. A angústia que os meus pais sentiram ficou clara num incidente ocorrido há alguns anos. Ao limpar o nosso sótão em Scarsdale, Nova Iorque, minha mãe encontrou o meu diário de bebé. As primeiras páginas contêm aquelas coisas de sempre: o meu peso ao nascer, a data da minha chegada à casa e o dia em que rompeu o meu primeiro dente. Depois, segue-se uma página datada de 23 de Maio de 1945. Eu tinha oito meses e, devido a crescentes suspeitas, meus pais tinham-me levado a um oftalmologista de Boston. O registro desse dia diz o seguinte: «Acabamos de regressar de Boston com Harold. O meu bebé é cego». Todas as páginas seguintes estão em branco.

Claro que, na época eu ignorava tudo isto e não me lembrava de ter sido completamente cego, pois quando tinha um ano e meio comecei, de repente, a ver um pouco com o olho esquerdo. O milagre emocionou os meus pais indescritivelmente, e foi como o êxito culminante de 18 meses de lutas.

Os menores progressos de um bebé normal, que a maioria dos pais aceitam como coisa natural — sentar-se, sorrir, estender as mãos na direcção do som de um chocalho — tinham sido, para os meus, motivo de alegria. Agora, embora a minha visão ainda fosse muito deficiente, achavam que existia uma autêntica probabilidade de me integrar no mundo visual.

As minhas primeiras recordações nítidas começam na idade de três anos, correndo pela rua abaixo, muito à frente de mamãe e de minha tia. Achava que podia desafiar o vento e vencê-lo e, às vezes, a luta era acesa. Mas, inevitavelmente, acabava me chocando com um poste ou com um parquímetro e voltava para junto de minha mãe, cuspiendo sangue e chorando mais de frustração que de dor.

«Como pode ser tão cruel?» perguntava minha tia, indignada.

«Pensa que é fácil para mim deixá-lo machucar-se?» respondia minha mãe. «Sei que o mais fácil seria segurá-lo pela mão, mas não posso fazer isso. Não quero apenas que ele seja independente; quero que goste de ser assim.

Foi um trabalho de equipa. Quando entrei para a escola primária, a directora receou que eu retardasse o rendimento do resto da classe, mas aprendi a ler ao mesmo tempo que os meus colegas, graças a minha mãe. Diariamente, durante horas, ela copiava os meus livros em grandes letras pretas, e não custei a ter a minha própria cartilha, contendo tudo o que os outros liam.

Meu pai tomava-me a seu cargo várias semanas antes da minha peregrinação anual ao oftalmologista. Todas as noites, enquanto a família — meu irmão mais velho, Larry, e minha irmã, Babby — jantava, ele pegava em uma peça do talher e perguntava: «Harold, que estou segurando?»

Espreitando através da névoa

que parecia sempre fixa a curta distância do meu olho esquerdo, conseguia enxergar um garfo, uma colher ou uma faca, e responder. Papai inventava constantemente maneiras de demonstrar quanto a minha visão melhorara. Certa vez, levou para casa um gigantesco «E» preto. Ia virando a letra, e eu, do fundo da sala, tinha de dizer para que direcção apontava. Isto se repetiu todas as noites, durante uma semana.

No segundo ano aconteceu uma coisa maravilhosa: passei a usar óculos especiais. Com eles, eu parecia um marciano, mas, pela primeira vez na vida, conseguia ler letras impressas em tamanho normal. Saí do consultório, corri para casa e fui directo ao quarto do meu irmão e à estante onde Larry tinha a sua colecção de histórias em quadrinhos. Quando ele chegou, mais tarde, encontrou-me deitado no meio de um monte de revistas espalhadas, profundamente absorto na leitura das façanhas de personagens de que eu ouvira falar muito, mas que nunca vira.

Depois, uma noite, quando tinha nove anos, acordei com uma dor no olho esquerdo. Minha visão desaparecera de novo. No dia seguinte, fomos ao especialista, que utilizou diversos tipos de gotas, e acendeu e apagou a sua luzinha através da nuvem que cobria o meu olho esquerdo. Seguiu-se uma operação e seis semanas de cama, em casa. Por fim, voltei ao consultório, para saber o veredicto.

O médico levou muito tempo apontando a luzinha sobre o meu olho. Eu ouvia o *clique!*, à medida que a luz se acendia e apagava. Depois ouvi o ranger de uma cadeira e, a seguir, senti-o sentado a meu lado.

«Harold, o que vou dizer vai-te fazer chorar».

«Um rapaz crescido não chora», respondi-lhe.

«Nunca mais verá, Harold», disse-me o médico, docemente. «Será completamente cego para o resto da vida. Compreende?»

«Claro que compreendo», respondeu uma voz que eu nunca ouvira, e de repente dei comigo chorando.

Nessa noite, ao jantar, ninguém falou. Não havia, realmente, nada a dizer. Cada um de nós se encolhia na sua própria dor.

Talvez achem impossível um menino de nove anos ser adulto, mas foi no que me tornei nessa noite: adulto. Deitei-me logo depois do jantar, mas passei várias horas acordado, pensando nos prós e contras de uma vida na dependência dos outros ou de uma vida independente. «Seria agradável ter pessoas fazendo as coisas por mim», pensei. «Teriam pena de mim e me dedicariam muita atenção».

Já era tarde da noite quando decidi, finalmente, que queria ser independente. Fui ao quarto dos meus pais e encontrei-os ainda acordados. Estavam conversando.

«Quero tentar lutar», disse-lhes. «Não desejo que ninguém tenha pe-

na de mim, só porque sou cego. Quero recomeçar como se não tivesse acontecido nada, aqui em casa.

«Harold, não vai ser fácil», advertiu meu pai, cautelosamente. «Confesso que não sei como poderá ler nem como resolveremos o problema. Se tivermos de aprender Braille, aprenderemos, mas se as suas probabilidades forem melhores numa escola de cegos, então creio que teremos de optar por isso. Ajude-nos a decidir, quando chegar a hora».

«Já decidi. Quero ficar aqui.»

Nunca me senti verdadeiramente tentado a mudar de ideia, desde aquela noite, há tanto tempo. Tomara uma decisão: não seria um cego num mundo cego.

### Uma Pequena Frase

Minha adaptação foi difícil. Tive problemas com os meus colegas logo que regresssei à escola. No recreio, um grande número de garotos reuniu-se ao meu redor.

«Harold, como é ser cego?», perguntou um deles, pronunciando a palavra «cego» como se fosse uma doença.

«Não sou completamente cego», repliquei.

«É sim!», disse uma menina.

«Não sou!» insisti, obstinado.

«Então diga quantos dedos eu tenho nesta mão?», perguntou ela.

Um pontinho de luz, no meu olho direito, era toda a visão que me restava. Franzi os olhos, mas não vi nenhum dedo. Nem sequer conseguí ver a mão.

«Nenhum», respondi, tentando adivinhar.

Todos caíram na gargalhada. Contive as lágrimas que me queimavam os olhos.

«Olha o cego! olha o cego!» cantavam alegremente, dançando à minha volta.

Depois disso, não voltei ao pátio. Passava os vinte minutos na sala, aprendendo a escrever à máquina. Meu professor sentava-se a meu lado e me ensinava as letras, carreira por carreira. Ao fim de uma semana, eu fazia os ditados à máquina, enquanto meus colegas os faziam à mão. Desde então, tenho dactilografado todos os meus escritos e exames. Foi um grande passo de regresso ao mundo que eu deixara tão recentemente.

Não quero dar a impressão de que este período de reajustamento tenha sido totalmente infeliz. Também tive momentos maravilhosos. Teve, por exemplo, Fern Kauffman. Fern era uma menininha sossegada, que se sentava a meu lado e nunca zombava de mim. Compartilhei com ela o meu desgosto, minhas frustrações e meus sonhos de futuro.

«Fern», perguntei-lhe num dia quente de Abril, «você joga basebol?»

«Não, Harold».

«Estava pensando» — confidenciei-lhe — «se seria capaz de acertar numa bola de basebol como antes de perder a vista.»

«Duvido muito», respondeu-me francamente.

Mas, teimei, não tínhamos certe-

za. Disse-lhe que, nessa tarde, levaria a bola e o bastão, e perguntei-lhe se se importava de me atirar algumas bolas. Concordeu. Assim, logo que as aulas terminaram, esgurei-me com Fern para uma parte do recreio pouco frequentada e coloquei-me na posição habitual de batedor.

«Há alguém olhando?», perguntei baixinho.

«Não», respondeu Fern, e atirou a bola.

Brandi o bastão, mas só acertei o ar.

«Foi um mau lançamento», confortou-me Fern. «As meninas não sabem atirar.»

Aproximou-se e deu-me uma palmadinha na mão.

«Bem, agora temos certeza», declarei. «Nem sequer vi a bola!»

Atravessamos o pátio em silêncio. Desde que voltara à escola nunca mais convidara ninguém a ir a minha casa, mas, naquele momento, convidei desajeitadamente Fern para almoçar comigo, no dia seguinte.

«Com muito prazer», respondeu-me, e não faltou.

Ela e minha mãe conversaram durante a refeição de sanduíches e bolinhos, enquanto eu escutava, num silêncio firme. Quando chegou a hora para irmos para a escola, minha mãe olhou para Fern, e disse: «Foi muito amável vindo almoçar, querida. Sinto-me feliz por ter tido oportunidade de conhecer a amiga de Harold, porque, embora seja cego, ele...»

«Acho-o maravilhoso», interrompeu Fern, calmamente.

Sei que Fern se casou e é possível que tenha esquecido tanto o almoço como as suas palavras de despedida a minha mãe, mas aquela sua pequena frase me ajudou a resistir durante anos muito difíceis.

### Fosse Qual Fosse a Meta

Meu regresso para o 3.º ano, depois da operação, foi um fracasso. Atrasei-me e, como não lia Braille, a escola não me queria. Por isso, embora relutante, meus pais concordaram que eu estudaria em casa, no Outono seguinte.

O primeiro professor era cego e eu antipativava extremamente com ele. Na minha opinião, era ele quem se atravessava no meu caminho e me impedia de frequentar a escola como todos os outros garotos da minha idade. Devo dizer, no entanto, que, na realidade, se tratava de um rapaz inteligente e trabalhador. Mas eu só via nele um adulto que tinha de ser levado ao automóvel, todos os dias, e, olhando para o meu futuro, tinha medo.

Ele acabou indo embora e foi substituído por minha mãe, que se revelou uma mestra implacável. Todas as terças-feiras de manhã, ela assistia a uma aula de Braille para não-cegos, e à tarde me ensinava o que aprendera. Ao fim do curso de 20 semanas, o seu objectivo estava atingido: eu sabia Braille e estávamos ambos prontos para iniciar os estudos.

(Continua no próximo número)

# UM DIA À NOITE ...

Um dia à noite !  
 Pude-me soltar das amarras  
 Do silêncio  
 Das grades e da tortura organizada  
 Fugir à repressão e gritar  
 Aos Homens. . .  
 Que a liberdade era a causa  
 Da alegria do meu canto  
 E que as lágrimas eram força  
 Da esperança com que lutava

Um dia à noite !  
 Ouvi uma criança com medo de gritar

Loira e coberta de pele escura  
 Matar o rancor numa angústia  
 E chorar ...  
 Vingar a cobardia proibida  
 Na guerra que inventava  
 Aos Homens ...  
 Levando nos olhos o dom de salvar  
 Uma Nação que criava  
 A esperança de descobrir

Um dia à noite !  
 Senti a revolta nascer num camarada  
 Que o sangue e horror enlouquecera

As palavras ...  
 Naquele único momento de sofrer  
 Quando a liberdade julgara real  
 Num suicídio ...  
 Várias punhaladas fizera incidir  
 No peito que então gritava  
 Na esperança de ser livre

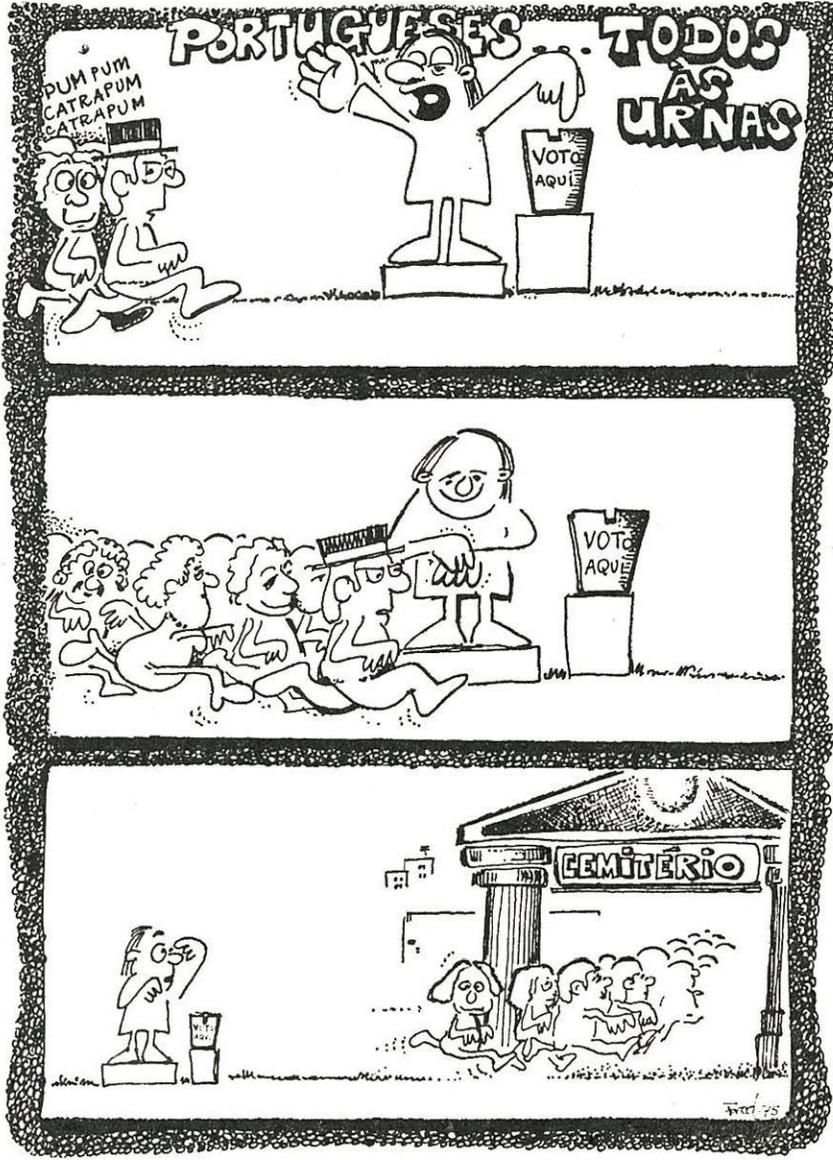
Um dia à noite ...  
 Na campina deste miserável País  
 Uma mãe perdera o filho na Guerra ...  
 E enlouquecer não soubera  
 Mas, perdoar aquela mãe não sabia  
 O filho morrera com lágrimas de dor  
 Pronunciando o nome infeliz da mãe  
 Numa esperança de voltar a ver

Um dia à noite !  
 Voltaram-me a torturar brutalmente  
 Esmagando o silêncio  
 Quebrando a ultima gota de resistência  
 Sendo a flor incapaz e negra  
 Do infortúnio e da falta de sossego  
 Os assassinos ...  
 Souberam criar em mim  
 O horror da angústia e do medo  
 O sentir esmagar da esperança

Um dia à noite!  
 Em que o fim chegava  
 À morte ...  
 Estas linhas quis escrever  
 Quando as tuas carícias recordava  
 Nas palavras de dor e amizade  
 O amor ...  
 Ainda sabia calcular e desejar  
 Nesta triste figura que restava  
 Dum humano já sem esperança  
 Nem liberdade.

JOÃO AMARO

## N. B. - Uma tomada de consciência é a melhor pastilha para curar maus hábitos



### PALAVRAS CRUZADAS

#### PROBLEMA N.º 7

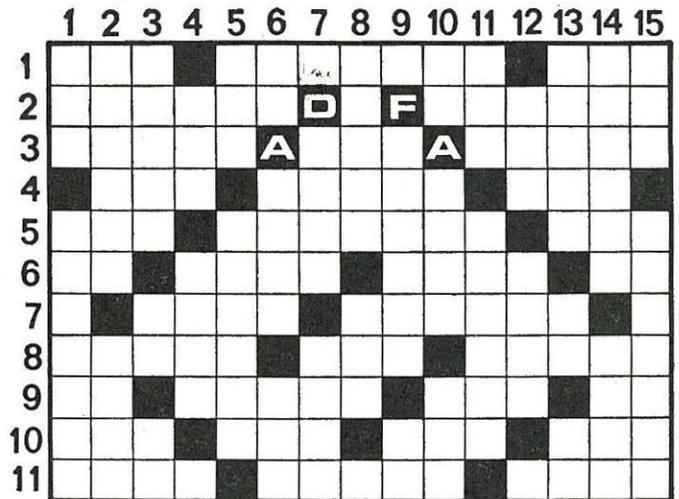
##### HORIZONTAIS

- 1 - Oceano; assaltar violentamente o mau tempo na costa; dia (fig.).
- 2 - Nome fem.; guardara. 3 - Guardar segredo; dois mil e cinco (ro.); Homem que pela sua elevada pretensão lhe foi desastrosa. 4 - Batráquio (ort. ant.); Mês das flores (pl.); Ovário dos peixes. 5 - As primeiras de BASTAR; Sublimes; gritos de dor. 6 - Donaire; nosso fadário até morrer; senhora (bras.) (pl.); nota musical. 7 - Tubo; Grande golpe na roupa. 8 - Cena pungente (inv.); dificuldade; Qualquer coisa em brasa. 9 - Laço; embarcações de recreio; melago; brisa. 10 - Ferro temperado; raso; Prep. e art. def. mas. pl.; Rio do Brasil. 11 - Apelido; osso da face; Pai Natal (inglês).

##### VERTICAIS

- 1 - Nome muito usado na Escócia; Orgia. 2 - Poisar no mar o avião; cacete. 3 - Nome de certos batráquios; aqui; sufixo de agente 4 - Lã

- (ant); Vestimenta de mulher indiana. 5 - Sorria (inv.); terminar. 8 - Metal denso e raro que se encontra algum na platina; batráquio. 9 - Pron. demonstrativo; igual (far.). 10 - Antimeridiano; vais para fora; maior. 11 - Nome masculino; marca de uma cerveja. 12 - As últimas do BANCO; nome de homem. 13 - Juntava; rio da Sibéria; Prep. e art. 14 - Gritais; tabaco para cheirar 15 - Imaculado; espaço celeste.



# O QUE EU AMO

Eu amo o Sol, que brilha eternamente  
 nos arribais da longa imensidade  
 E amo do luar a ilariadade  
 a contornar a terra docemente

Eu amo os tons de fogo no poente  
 Que a natureza vestem de ansiedade  
 E as ondas, quando choram de saudade  
 no seu vai vem, tão mansa tão doce

Eu amo as almas sempre das crianças  
 Todas tecidas de alegria e esperanças  
 Que festivas me acolhem com ternura

Mas amo ainda as pobres e os velhinhos  
 Que se cruzam comigo nos caminhos  
 Vergados como eu pela amargura.

Maria do Céu

### SOLUÇÕES DAS PALAVRAS

#### CRUZADAS

##### PROBLEMA N.º 6

##### HORIZONTAIS

- 1 - Papai; molas. 2 - Abas; rala. 3 - Lar; cré; sôr. 4 - Irara; lacra. 5 - Mirrara. 6 - Moira. 7 - Mora; mãos. 8 - Amora; toiro. 10 - Oral; maio 11 - Sara; asar.

##### VERTICAIS

- 1 - Palio; matos. 2 - Abar; som; rã. 3 - Param; rotas. 4 - Às; rimar; la. 5 - Caro; az. 6 - Ar; rim; fr. 7 - Elar; tu. 8 - OR; aramo; má. 9 - Lasca; airas. 10 - Alor; cor; ia. 11 - Sarau; soror.

## ASSINE E DIVULGUE - JORNAL "ELO"

Assinar o ELO significa estar de acordo com um conjunto de ideais e sobretudo apoiar os deficientes na sua luta.

A divulgação do ELO estará de certo modo dependente da boa vontade de cada um.

Assinatura Semestral — 30\$00

Assinatura Anual — 60\$00

Escrevam para o Palácio da Independência (JORNAL ELO), Largo de S. Domingos — Lisboa - 2.

### SOLUÇÕES DO ARITMOGRAMA

#### PROBLEMA N.º 6

##### HORIZONTAIS

5 X 3 + 1 = 16

2 : 1 + 7 = 9

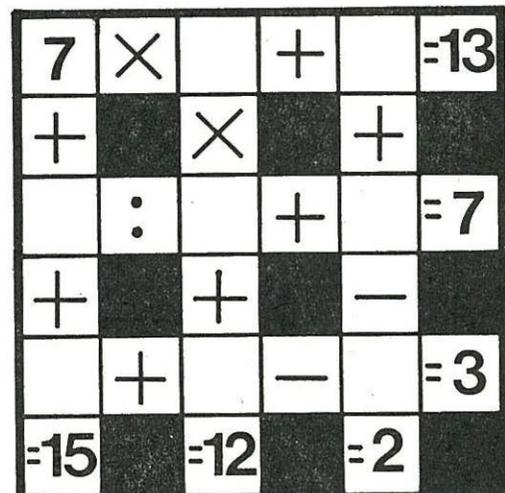
3 + 5 - 6 = 2

##### VERTICAIS

5 + 2 + 3 = 10

3 X 1 + 5 = 8

1 + 7 - 6 = 2



J. Pedro

# ACTIVIDADES DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

## Secção de Educação e Cultura

### Divagando sobre Educação e Cultura

Ao começarmos a dissertar um pouco sobre tão delicados temas, impõe-se-nos também, algumas definições mais ou menos antológicas dos referidos assuntos.

Para um pedagogo francês — Littré — «A educação é um conjunto de qualidades morais que se desenvolvem». Entendendo-se, modernamente, que pedagogia são os métodos racionais utilizados para administrar essa educação.

Nas Sociedades primitivas o ensino nasceu como fenómeno natural, espontâneo, de carácter prático e totalmente desprovido de qualquer método; as crianças aprendiam por imitação dos pais, no meio em que estavam inseridas.

Não se tratava de uma educação científica, sistematizada. A educação exercida pela comunidade, procurava integrar a criança na mesma, no sentido de lhe garantir a sobrevivência. Portanto, durante muito tempo a educação processou-se no seio da comunidade sem se diferenciar uma instituição pedagógica.

A medida que os povos foram evoluindo esta educação natural, tornou-se mais complexa e a dada altura surgiu a escola como elemento de uma educação sistematizada intencional.

Sendo a criança de hoje, o homem de amanhã que nós queremos, que forme uma Sociedade Superior à nossa e que, em qualquer era, a educação é e será sempre, um facto fundamental na vida dos povos e na dinâmica da cultura, cabe-nos a nós em primeira e imediata instância preparar-lhes o caminho. Em palavras de Erasmo a este propósito: «Os Homens não nascem, mas formam-se».

O Homem é o ser mais desprotegido, sozinho não pode sobreviver; a criança precisa desde logo do apoio do adulto.

Devemos portanto prestar o maior cuidado à educação do carácter; fazer adquirir a cada um, sólidos métodos de trabalho pessoal e o gosto do trabalho de grupo; estabelecer o maior número possível de ligações entre o ensino e a vida real; humanizar igualmente a educação pelo despertar do sentido artístico; dar à cultura física e desportiva o valor que se lhe deve atribuir para a saúde do corpo e o equilíbrio da personalidade.

Esta cultura implica a aquisição de meios de comunicação (como sejam linguagem, leitura, escrita) de certos instrumentos de pensamento e de acção, tais como o cálculo de certa bagagem de conhecimentos e de crenças, certa Hierarquia de valores e de certa orientação correlativa de tendências.

Mas deverá a educação ter em vista satisfazer as necessidades do momento, ou pelo contrário, deverá esta inserir-se nos modelos tradi-

cionais que por vezes já não se adaptam ao mundo vigente?

Outro problema que se põe, é o da quantidade, portanto, da proporção do esforço educativo. A escola mesmo em sociedades democráticas serve uma elite, tendo desde logo um carácter selectivo. Procura-se hoje educar as massas, há necessidade de organizar o ensino em vista a uma massa. Simplesmente, as técnicas activas visam mais a educação de pequenos grupos e por conseguinte não são fáceis de utilizar na aculturação das mesmas. Há necessidade imperativa de que se encontrem a tempo os meios de conciliar este.

Levando em conta as considerações anteriores tem sido intenção desta Associação organizar, programar e pôr em funcionamento uma escola que proporcione aos seus Associados um aumento da sua gradação cultural, num espaço de tempo forçosamente inferior ao que seria necessário, parece-nos oportuna a referência acima feita, sobre alguns processos e teorias de base de pedagogia e educação.

É oportuno referir-se ainda, que, se tem notado um decréscimo sensível por parte de alguns alunos na frequência das aulas e um desinteresse quase (em certos casos) radical das disciplinas aqui ministradas. Tornando-se inadmissível que tais actos sejam em prol de jogos de futebol televisionados e outros.

Sem dúvida que são necessários, mas, sê-lo-ão ao ponto de praticamente exigirem tão grande sacrifício na maior parte profissional e logicamente financeiro por parte dos seus sócios?

Deixamos isso ao critério subjectivo de cada um de nós.

## Secção de Reabilitação

Temos falado muito em Reabilitação psicológica e profissional bem como em reintegração social. O assunto é vasto e complexo pelo que se pode ir desde a certeza objectiva até à pura especulação.

Todas as sociedades, quer queiram quer não, estão sujeitas a ter no seu seio deficientes físicos e mentais emanados por várias causas de tipo social, económico e político.

Estes males da Sociedade vão sendo atenuados com o desenvolvimento da medicina preventiva e curativa, com vista a anular todas as causas remotas e imediatas da doença ou deficiências. Acredito que no progresso da humanidade se conseguirá, parcialmente ou na totalidade a anulação de efeitos deficitários que por este, ou aquele motivo, afectam a pessoa humana mas, até lá, as sociedades têm que aceitar a deficiência como parte integrante de si própria. Não podemos olhar o deficiente pelo prisma de valores de produção clássicos mas, antes, com a mentalidade progressista que vê em cada homem uma inteligência que pode ser aproveitada desde que lhe sejam forneci-

das as condições justas, adequadas e necessárias de modo a não haver pesos mortos que apenas consomem sem produzir.

A sociedade não pode negar a nenhum elemento afectado de deficiência o direito de a ela pertencer, já que ao fazê-lo se negaria a si própria. Nas sociedades em que se pratica a exploração do homem pelo homem não há lugar para os deficientes, já que aos explorados apenas interessa o lucro fácil e isso conseguem-no com a mão-de-obra não deficiente. Os senhores do capital sabem que é necessário investir para fazer de cada deficiente uma força de produção rentável e como aos exploradores apenas interessa satisfazer a ganância de lucros fabulosos são incapazes de investir capital que não dá vantagens imediatas.

Só quando todos trabalharem para todos, o povo compreenderá a utilidade do trabalho dos deficientes. Numa sociedade socialista cada homem deve ocupar o seu posto de trabalho de acordo com as capacidades individuais em vista ao bem comum. Quando essa sociedade atingir a igualdade a todos os níveis, haverá, então, lugar para todos, já que cada elemento adquiriu a plena consciência de interdependência existente entre todos os elementos.

Todo o auxílio que tem sido dado aos deficientes através da história da exploração foi sempre debaixo do prisma de dar auxílio como fim último, e nunca como plataforma inicial de futura libertação.

## Secção do Jornal ELO

Certamente que vós leitores, ao receberem o nosso Jornal no Domicílio, apressam-se a dar uma vista de olhos por ele, comentando logo em seguida que traz sempre os mesmos artigos e assuntos, e que apesar disso, as estruturas não mudam.

Sem dúvida que aqueles que assim pensam têm certa razão, porque até mesmo a redacção sabe de antemão que já devem «ver pelos os olhos» alguns artigos, como por exemplo ter saído em três números as cartas do saudoso JOSÉ BAÇÃO LEAL, porém, e em parte, a culpa cabe, senão exclusivamente, a todos vós, prezados leitores, pelo o facto de não colaborarem e nem sequer se interessarem na elaboração e na divulgação do nosso Jornal.

Não será demais repetir que o Jornal será aquilo que todos nós queiramos que ele seja, para isso é necessário participar, elaborar artigos, dar sugestões, propor modificações, arranjar novos temas, etc..., ampliando a nossa vida Associativa, para que novas notícias surjam.

Esperando veemente que o Jornal possa ser de todos, e não como se continua verificando, de uma meia dúzia (às vezes nem tanto) que colabora e o elabora, recebendo como prémio da grande maioria apenas críticas destrutivas.

## POESIA

Poesia feita logo após a nomeação de Spínola para Presidente da República. (1.º Governo Provisório).

### MOTE

Vive o povo trabalhador  
Na ilusão outra vez  
Julga um Deus Salvador  
Aquele que nada fez

### GLOSA

#### I

Pelo trabalho cansado  
Pelo ex-governo oprimido  
O Povo foi iludido  
O Povo está enganado  
E por estar habituado  
Ao governo dum Senhor  
Aceitou um ditador  
Com prestígio e medalhas  
E governado por canalhas  
VIVE O POVO TRABALHADOR

#### II

Foi tão bela a liberdade  
Plantada em Portugal  
Mas a semente do mal  
Com 50 anos d' idade  
Não levou a tempestade  
E o gesto d' altivez  
Do soldado Português  
Está oculto porqu' é nobre  
E vive o Povo mais pobre  
NA ILUSÃO OUTRA VEZ

#### III

Está a levá-lo ao engano  
Não s' iluda este bom Povo  
Também era estado Novo  
Aquele Governo tirano  
Que o oprimiu tanto ano  
E vai correndo o seu suor  
Prós capitais do Senhor  
E na sua ingenuidade  
A quem lhe oculta a verdade  
JULGA UM DEUS SALVADOR

#### IV

Lembra - te Povo Gigante  
Que esse Deus redentor  
Era também sucessor  
Do corta - fitas Almirante  
Que te quiz ignorante  
Faz lá História uma vez  
Nobre Povo Português  
Não deixes ficar na História  
Cheio de honra e glória  
AQUELE QUE NADA FEZ

(E felizmente não ficou graças a ti  
POVO)

A. C.

## TIPOGRAFIA - ESCOLA

(Continuação da pág. 6)

vencimentos pagos e o resultado do trabalho e criar novos postos de trabalho para deficientes, com o intuito da sua reabilitação para uma consequente integração social. Novos postos de trabalho serão uma realidade quando nos forem cedidas novas instalações e com esse fim encontra-se em estudo o aumento das instalações que já são demasiado exíguas, devido ao grande afluxo das encomendas de trabalho e à aquisição de novas máquinas.

# PONT ZER

Quando para construir uma sociedade Socialista se aguarda impávida e serenamente um golpe reaccionário, o qual é aproveitado depois para um avanço revolucionário, que não limpa na íntegra as forças reaccionárias, estamos a criar um débito terrível na conta corrente revolucionária com o sangue dos explorados, enquanto os criminosos se põem a recato e em contacto com os exploradores que por cá ficam e hão-de furjar novos contra-golpes que, tanto servirão para possíveis avanços para o Socialismo, como de retrocesso ao fascismo.

## PARA A HISTÓRIA DA ADFA

A A.D.F.A. segue atenta a evolução do processo revolucionário.

Não foi alheia ao 28 de Setembro. Deficientes estiveram presentes em Unidades Militares do M.F.A.. No 11 Março estivemos no R.A.L. 1 e logo, face ao criminoso ataque àquela Unidade publicámos o seguinte comunicado:

Os Deficientes das Forças Armadas vêm publicamente expressar o seu repúdio pela tentativa contra-revolucionária dirigida por esses exploradores do POVO, que, após o 25 de Abril, vêm ameaçados os seus privilégios.

Herdeiros dos nomes e das fortunas daqueles que ao longo da nossa história sempre oprimiram o Povo Português tentam agora, a todo o custo, perpetuar as suas

confortáveis posições, não olhando a meios para atingir os seus fins. Entre eles destacam-se membros das próprias Forças Armadas. Estes, após o 25 de Abril demonstraram nitidamente não aderirem ao processo de total descolonização, são os mesmos que pactuavam com o regime de Salazar e Caetano e levavam os inocentes soldados portugueses a matar e a morrer. Esses mesmos, símbolos do sangue e da morte, continuam a acreditar no obscurantismo do soldado português e a dele se servir, ludibriando-o criminosamente e levando-o a lutar contra os seus próprios irmãos de armas. Mas os soldados, povo fardado e armado, também se

politizam e dizem não aos seus carcarascos—assim o provaram os pára-quedistas no R.A.L. 1.

O criminoso acto desses oficiais capitalistas e burgueses, que agora no estrangeiro viverão do dinheiro feito de suor do povo português, fez derramar o sangue dos soldados que lutam pelo seu Povo.

E os privilégios continuam a ser disputados em terreno regado com sangue do Povo.

E a justiça?

Confiamos que desta vez nós, M. F. A. e POVO, saberemos fazer justiça.

A REVOLUÇÃO VENCERÁ

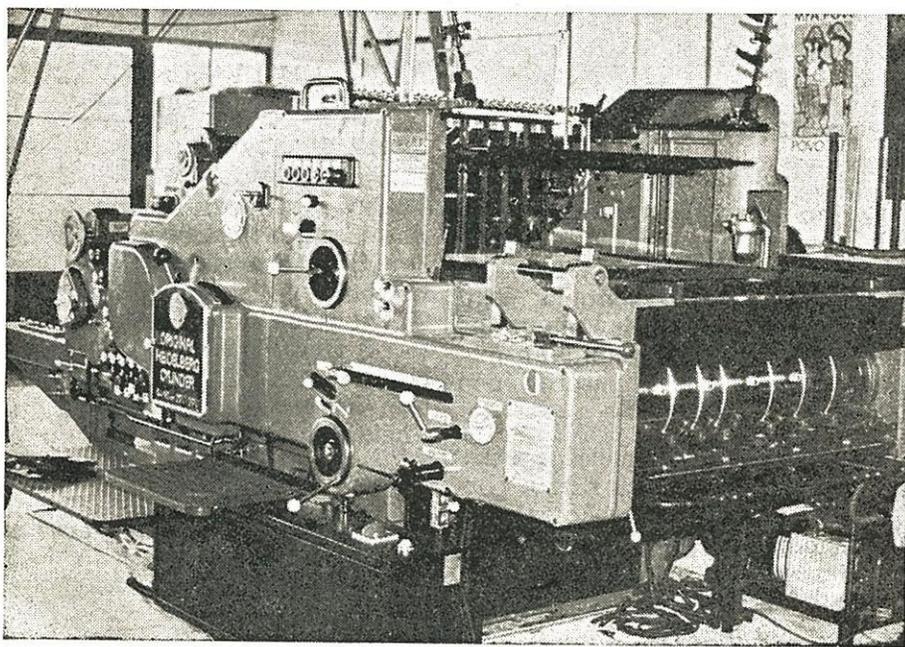
## Tipografia-Escola DA ADFA

Na sequência do planeado incremento — e consequente desenvolvimento que se tem vindo a verificar nesta tipografia foram adquiridas nos últimos dias mais duas máquinas, uma de impressão e outra de composição, a juntar a uma outra de dobragem, já adquirida à cerca de dois meses.

Se recuarmos um pouco no tempo lembrar-nos-emos daquela tipografia em que o trabalho rotineiro e sem qualquer orientação servia de passatempo para os seus trabalhadores, na sua quase totalidade deficientes, o que permitia que efec-

fruto da actividade da Cruz Vermelha, por essas senhoras criadas, com algumas máquinas e em subsídio oficial, numa casa onde o trabalho fosse integralmente aproveitado e onde o trabalhador se sentisse realizado, construindo e vendo a utilidade do seu labor.

A reestruturação impunha-se, era fundamental traçarem-se linhas mestras e gerais, definiram-se postos de trabalho, distribuíram-se responsabilidades e tarefas, adquiriu-se material, estas algumas das medidas de imediato para que os objectivos em mente fossem inteira-



A impressora, uma das máquinas recentemente adquiridas

tuassem as respectivas tarefas sem o mínimo gosto e até às vezes, com um certo enfado, chegando a odiar o local de trabalho.

Porém, e dentro do espírito que tornou possível a revolução dos cravos vermelhos, os trabalhadores da então Tipografia da Cruz Vermelha Portuguesa e numa tomada de posição em conjunto fizeram a ocupação da referida Tipografia, exigindo que esta se tornasse um dos centros promotores de reabilitação ao serviço da ADFA.

Longo e espinhoso têm-se revestido as tarefas a realizar desde esse momento para que se transformasse uma pseudo-tipografia, porque na realidade só era de nome,

mente alcançados.

Hoje volvidos cerca de doze meses os frutos são já bastantes evidentes com o crescente aumento de trabalho e de rentabilidade e com o total aproveitamento das condições existentes, e se mais não houvesse bastaria a felicidade com que os ocupantes desta jovem tipografia-escola, a qual se encontra bem patente em cada um dos rostos e contrastando tão vincadamente com aquela que nós lhes estávamos habituados a ver à poucos meses atrás.

Continua-se e não é demais repetir sem pretender obter lucros com esta actividade, desejamos, contudo, obter um equilíbrio entre os

Continua na página 2

## 1.º COMUNICADO DO R. A. L. 1

Comunicado de todos os soldados, sargentos e oficiais do R.A.L. 1

Camaradas soldados, operários e camponeses, o ataque que o RAL 1 hoje sofreu demonstra a todos que os fascistas que até aqui têm sido tratados com panos quentes continuam vivos e activos à espera da primeira oportunidade para esmagarem a classe operária.

Porquê um ataque ao RAL 1?

Porque os soldados do RAL 1 sabem bem que os seus inimigos são os capitalistas e fascistas que nos têm oprimido e cada vez que vão para a rua sabem que só têm um papel a desempenhar quer os senhores generais gostem ou não: DEFENDER OS OPERÁRIOS E COMBATER TODOS OS REACCIÓNARIOS.

Por isso o RAL 1 e todos aqueles que defendem o povo têm as espingardas fascistas apontadas sobre si.

Mas isso, camaradas, não nos ate-

moriza. Nós os militares do RAL 1 contamos convosco e mais uma vez vos garantimos que estamos do vosso lado.

Para aqueles que vieram semear sangue entre nós só nos resta exigir o seu FUZILAMENTO IMEDIATO.

Camaradas o povo armado jamais será vencido.

Organizemo-nos e esmaguemos todos os fascistas.

MORTE AO FASCISMO  
MORTE AO CAPITALISMO  
FUZILAMENTO JÁ.

FUZILAMENTO JÁ.

FUZILAMENTO JÁ.

MORTE AO FASCISMO.

JUSTIÇA POPULAR.

Os militares do RAL 1 vítimas do atentado fascista.

RAL 1, 11/3/75

## REABILITAÇÃO Via para a Reintegração

Em que pé está a reabilitação em Portugal após o 25 de Abril de 1974?... Quem tentou modificar toda uma infra-estrutura que tem existido para a alienação dos milhares de Deficientes?... Afinal quem está interessado pela reabilitação?

O pé em que está a reabilitação em Portugal após o 25 de Abril é praticamente o mesmo que existia até àquela data, isto pelo menos, foi-nos dado a observar já numa visita que fizemos aos centros de reabilitação do norte. Não dizemos que é precisamente o mesmo, porque sabemos que já há deficientes integrados nessas oficinas de reabilitação, os quais tomaram uma verdadeira posição, isto é, tomaram a posição de apoiar uma

nova linha de orientação para uma digna reabilitação. Não tomou a A. D. F. A. uma posição em 23 de Novembro de 1974?... E que resultou dessa posição?... Resultou aquilo que efectivamente pretendíamos. Instalações próprias, a atenção da nossa existência e sobretudo a nossa integração social.

É assim que todos nós temos que agir. Chegou o momento de ser todo aquele, sobre quem recaiu o peso dum governo fascista a tomar uma consciência perante si próprio e em comunhão de todos nas mesmas circunstâncias, formar uma frente, dizer a palavra de ordem; não às estruturas que ainda reinam dentro dos Centros de Reabilitação;

Continua na página 2